

O CLUBE DOS ARTISTAS MODERNOS POR FLÁVIO DE CARVALHO

Jaqueline Pierazzo PEREIRA

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eugênia Boaventura

RESUMO: O presente trabalho se refere a parte de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica cujo objetivo geral seria em torno dos recortes sobre o Clube dos Artistas Modernos (doravante CAM) feitos e armazenados em álbuns pelo artista Flávio de Carvalho e cujos objetivos específicos seriam a organização de um índice classificado, de um índice onomástico, assim como a reconstrução da programação do clube a partir dos eventos citados nesses recortes. Este trabalho procura ser uma introdução à pesquisa citada, trazendo uma breve apresentação do artista e do clube, além de um panorama da época, situando o leitor para o trabalho que virá a ser desenvolvido em seguida. Assim, procuramos retomar a imagem de Flávio de Carvalho – um tanto quanto esquecido pela bibliografia tradicional referente ao modernismo brasileiro – e contribuir para os estudos sobre o papel do CAM no cenário cultural das décadas de 1920 e 1930.

Palavras-Chaves: Literatura Brasileira, Flávio de Rezende Carvalho, Clube dos Artistas Modernos

Flávio de Rezende Carvalho (1899 – 1973) foi, entre outras coisas, engenheiro, arquiteto, escritor, artista plástico, cenógrafo e animador cultural. Nasceu em Amparo de Barra Mansa, município do Estado do Rio de Janeiro, mas sua família mudou para São Paulo um ano após seu nascimento. Em 1911 vai estudar na Europa, passando por Paris e Inglaterra, e retorna ao Brasil em 1922. Em 1932 adere à Revolução Constitucionalista como engenheiro. Falece em 1973 na Santa Casa de Valinhos, interior do Estado de São Paulo.

Inicia sua atuação intelectual na imprensa, com desenhos e comentários sobre a vida cultural da época. Como arquiteto, participa de vários concursos, entre eles os projetos para o Palácio do Governo do Estado de São Paulo, para a Embaixada Argentina no Rio de Janeiro e para a Universidade de Minas Gerais, além do concurso internacional do Farol de Colombo, que escolheria um monumento para a comemoração dos quinhentos anos do descobrimento da América e seria construído na República Dominicana. Com este projeto, Flávio adere ao movimento da Antropofagia, liderado por Oswald de Andrade, sendo posteriormente considerado delegado antropofágico. Apesar de sua intensa participação em concursos de arquitetura, Flávio pouco colocou em prática seus projetos – foram realizadas efetivamente as casas da Alameda Lorena e Ministro Rocha Azevedo, em São Paulo, e a sua casa na Fazenda da Capuava, em Valinhos –, mas eles tiveram grande importância enquanto manifestos da arquitetura moderna.

Inicia sua atuação como artista plástico, em 1931, ao participar do XXXVIII Salão Moderno da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Também neste ano, realiza sua famosa *Experiência n° 2*, que consistiu na provocação de fiéis durante uma procissão de Corpus Christi para testar a reação deles, publicando livro homônimo¹. Na década de 1930, além das atividades já mencionadas, Flávio de Carvalho atua na criação do Clube dos Artistas Modernos, juntamente com Di Cavalcanti, Antônio Gomide e Carlos Prado; funda, ainda, o Teatro da Experiência – anexo ao clube, escrevendo, para sua inauguração, *O Bailado do Deus Morto*² – e participa da organização dos Salões de Maio.

Assim, Flávio de Carvalho se tornou uma figura de grande relevância para o movimento modernista brasileiro, não apenas por sua obra eclética – que abrange desde peças teatrais até projetos arquitetônicos e urbanísticos, passando por relatos de viagens e por pesquisas psicológicas –, mas também por sua forte atuação como animador cultural, importante em uma época na qual os meios de comunicação ainda não eram tão eficazes e na qual São Paulo ainda era uma cidade com características quase provincianas, principalmente no que dizia respeito à vida cultural.

Para entendermos a importância do papel de Flávio de Carvalho e os motivos que levaram à formação não somente do CAM, mas de outras sociedades de artistas modernos, é fundamental que analisemos as condições histórico-culturais da época em questão, mais especificamente, das décadas de 1920 e de 1930, período genericamente classificado como pertencente ao Modernismo.

Podemos organizar esse período colocando a Semana de Arte Moderna como um fator central – vale enfatizar que isto não significa que ele seja único ou que seja mais importante que os outros –. Assim, tomaremos a Semana como um estopim ou, de acordo com Paulo Mendes de Almeida, como “o primeiro movimento *coletivo* no sentido da emancipação das artes e da inteligência brasileira”³ (grifo meu).

Antes da Semana de 22, porém, o acontecimento que, assim como ela, causou muito furor e polêmica, foi a segunda exposição de Anita Malfatti, realizada em 1917. Ainda de acordo com Paulo Mendes de Almeida, hoje essa exposição pode ser considerada precursora do modernismo, na medida em que marcou o início da organização dos modernistas, até estão dispersos, ou, como disse Mário de Andrade, a exposição foi “a primeira consciência *coletiva*, a primeira necessidade de arregimentação” (grifo meu)⁴.

Esse caráter coletivo – iniciado com a exposição de Anita Malfatti e cristalizado pela Semana de Arte Moderna – é característico de muitos movimentos artísticos, principalmente do modernista, e ia ao encontro do objetivo de seus participantes, ou seja, a busca da modernização das expressões e dos meios artísticos do Brasil, tornando o movimento não mais “um gesto isolado de rebeldia (...) mas um clamor em coro, um movimento de grupo”⁵.

¹ CARVALHO, Flávio de. (1931). *Experiência n° 2 realizada sobre uma procissão de Corpus Christi*. São Paulo: Irmãos Ferraz.

² CARVALHO, Flávio de. (1973). *A Origem Animal de Deus e o Bailado do Deus Morto*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

³ ALMEIDA, Paulo Mendes de. (1976). *De Anita ao Museu*. São Paulo: Perspectiva.

⁴ In ALMEIDA, Paulo Mendes de. (1976). *De Anita ao Museu*. São Paulo: Perspectiva.

⁵ Idem nota 2.

Também na década de 1920, Lasar Segall se radica no Brasil, atuando ferozmente no panorama nacional das artes plásticas; ocorre ainda a terceira exposição de Anita Malfatti e, em 1926, Marinetti visita o Brasil. O final desta década é marcado por turbulências políticas que culminam na Revolução de 1930, com a tomada do poder e o término da chamada República Velha, iniciando a Era Vargas.

A partir da Revolução de 1930 e a conseqüente reestruturação política, os intelectuais brasileiros passaram a pensar numa reestruturação também cultural. Daí a criação de instituições como a Universidade de São Paulo e o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Nesse processo de institucionalizar a arte, a educação e, inclusive, a política, a atuação de Flávio de Carvalho como organizador e animador cultural torna-se mais clara e sua importância mais evidente, tendo fundado o Teatro da Experiência, atuado como organizador e colaborador dos Salões de Maio e criado o Clube dos Artistas Modernos.

Após a Revolução Constitucionalista de 1932, Flávio de Carvalho, em reuniões de intelectuais no Mappin Stores e na casa de Olívia Guedes Penteado, manifesta a sua intenção de fundar uma associação de artistas modernos; surgem, então, os primeiros movimentos no sentido da formação da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM). Após as discussões iniciais, Flávio, devido à demora na efetivação da idéia e por temer que a sociedade adquirisse um caráter demasiadamente aristocrático, decide fundar o Clube dos Artistas Modernos. O CAM é fundado um dia após a fundação da SPAM (em 24 de novembro de 1932) e tem a seu favor uma sede já definida, que a SPAM teria apenas no ano seguinte.

Apesar de certo aspecto de rivalidade, as duas associações apresentavam alguns pontos de contato, entre eles a própria estruturação física das sedes, que deveriam abrigar espaço para exposições, sessões de modelo-vivo, palestras, bailes, salão de leitura, biblioteca e bar; a diferença nas instalações estava na presença, no CAM, de um teatro. Além disso, elas tinham em comum o fato de “surgirem ao mesmo tempo, a partir de um mesmo núcleo social e visando aglutinar forças dispersas em prol da modernização das artes”⁶. De acordo com Fernando Antonio Pinheiro Filho, as diferenças entre a SPAM e o CAM seriam de ordem da representação social da arte: o CAM seria “menos preocupado em circunscrever a atividade artística aos marcos da renovação do gosto das elites do que em fazer dela instrumento de contestação de tudo que possa ser politicamente identificado como elemento da “ordem burguesa”, o CAM investe numa estética vanguardista e anárquica”⁷. Vale destacar que esta dicotomização mais/menos burguesa é um tanto quanto problemática para caracterizar essas duas organizações uma vez que o próprio Fernando Antonio Pinheiro Filho afirma que elas surgiram ao mesmo tempo e no mesmo grupo social.

No CAM, Flávio de Carvalho insere uma prática até então inédita: os debates após as palestras, que foram em grande parte responsáveis pelo barulho em volta do nome do clube. Entre as atividades programadas estavam: exposição da artista alemã Käthe Kollwitz, de cartazes russos e de desenhos de crianças e loucos; conferências de Tarsila do Amaral, Jaime Adour da Camara, Nelson Rezende, Mario Pedrosa, Nelson Tabajara de Oliveira, Caio Prado Junior, Jorge Amado, entre outros; além de concertos de música moderna e de recitais de cantos populares.

⁶ PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. (2008). *Lasar Segall: Arte em Sociedade*. São Paulo: Cosac Naify.

⁷ Idem nota 5.

Em 1933, Flávio de Carvalho funda o Teatro da Experiência no andar térreo do prédio que abrigava a sede do CAM; para o teatro, Oswald de Andrade escolheu a peça *O homem e o cavalo*, mas a peça que foi encenada e que causou o fechamento do Teatro da Experiência foi *O bailado do deus morto*, de autoria do próprio Flávio. Contra o fechamento do teatro, vários escritores e intelectuais da época moveram uma série de contestações, mas ele não voltou a ser aberto permanentemente, renascendo apenas durante um dia, em 1943, com um espetáculo em homenagem a Roger Caillois. A intervenção policial no Teatro da Experiência acabou prejudicando o CAM, que encerrou suas atividades em 1934.

Apesar da curta existência, o CAM, assim como a SPAM, conseguiu realizar as atividades propostas quando da sua fundação, tornando-se não apenas um aglutinador de forças dispersas em prol da modernização das artes, mas também um meio de divulgação e de discussão da arte moderna na São Paulo quase provinciana.

BIBLIOGRAFIA SUCINTA

ALMEIDA, Paulo Mendes de. (1976). *De Anita ao Museu*. São Paulo: Perspectiva.

AMARAL, Aracy A. (1998). *Artes Plásticas na Semana de 22*. 5. ed. São Paulo: Editora 34.

GUINSBURG, J. (2002). *O Expressionismo*. São Paulo: Perspectiva.

LEITE, Rui Moreira. (2008). *Flávio de Carvalho: o Artista Total*. São Paulo: Senac São Paulo.

PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. (2008). *Lasar Segall: Arte em Sociedade*. São Paulo: Cosac Naify.

SANGIRARDI JUNIOR. (1985). *Flávio de Carvalho, o Revolucionário Romântico*. Rio de Janeiro: Philobiblion.

TELES, Gilberto Mendonça. (1987). *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record.

TOLEDO, J. (1994). *Flávio de Carvalho, o Comedor de Emoções*. São Paulo: Brasiliense. Campinas: Editora da Unicamp.